

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
LICENCIATURA EM TEATRO

**TEATRO COMO PROCESSO TRANSFORMADOR NA MEDIDA
SOCIOEDUCATIVA.**

Márcio Santana da Silva

São Cristóvão – SE

2022

TEATRO COMO PROCESSO TRANSFORMADOR NA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA.

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade
Federal de Sergipe como requisito básico para a conclusão do curso
de Licenciatura em Teatro.**

Orientadora: Márcia Cristina Baltazar

São Cristóvão – SE

2022

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1 – DIÁLOGO COM A BIBLIOGRAFIA SOBRE A PROBLEMÁTICA DO TEATRO EM SISTEMAS SOCIOEDUCATIVOS E PRISIONAIS	5
CAPÍTULO II - MINHA PRÁTICA NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO DE SERGIPE.....	13
Os resultados conquistados com e pelo teatro.....	16
As montagens mais relevantes.....	19
CAPÍTULO III - DIÁLOGO COM A BIBLIOGRAFIA SOBRE O QUE DEU CERTO E DEPOIMENTOS DOS ALUNOS	24
A vez de ouvi-los.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Em 2017 fui contratado como oficinairo de teatro para trabalhar na Fundação Renascer, a instituição que cuida de adolescentes em conflito com a lei e é encarregada de aplicar a medida socioeducativa indicada pelo judiciário. Trabalhei nas unidades CENAM (Centro de Atendimento ao Menor) e na UNIFEM (Unidade Feminina) de junho de 2017 a junho de 2018. Em janeiro de 2019, fui novamente contratado pela Fundação Renascer, desta vez, para trabalhar na unidade CASEM (Comunidade de Atendimento Socio Educativo Masculino) além da UNIFEM. Sigo com minha função até o presente momento, novembro de 2022.

No início, minha pretensão era unicamente ministrar minhas aulas, cumprindo assim meu papel. Com o passar do tempo, fui entendendo que meu papel como professor e, principalmente, como um fomentador da arte, era mais que isso naquele lugar. Fui aprendendo que o atendimento no âmbito socioeducativo deve ser compreendido para além do caráter sancionatório. Para tanto, a Unidade de Medida Socioeducativa de Internação tem, entre seus objetivos, fomentar junto aos adolescentes atividades socioeducativas que estimulem o protagonismo com vistas a sua reinserção social, comunitária e familiar.

A esse respeito, basta recorrer ao ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente para fundamentar um trabalho pautado na realização de atividades culturais, esportivas e de lazer. Aspecto esse referendado também pelo SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo que, através do Eixo Esporte, Cultura e Lazer, destaca um atendimento socioeducativo com base no acesso a programações culturais, teatro, literatura, dança, música, artes, dando espaço também à diferentes manifestações culturais dos adolescentes. A partir daí passei a utilizar minhas aulas para promover debates e criação de esquetes teatrais sobre assuntos que de fato contribuíssem com a socioeducação daqueles adolescentes. Passei a trabalhar temas como violência, drogas, respeito pelas mulheres, consciência negra, respeito ao próximo, planos para o futuro, entre outros.

Em 2018, a assistente social e coordenadora técnica do CENAM (Centro de Atendimento ao Menor) me contou que tinha percebido a melhora no comportamento de alguns adolescentes depois que começaram a participar das aulas de teatro. Entre esses adolescentes havia alguns que se automutilavam, apresentavam problemas de convivência e de concentração em outras aulas, como na escola, por exemplo. Segundo a coordenadora, houve uma melhora significativa em todos os pontos citados, inclusive na auto mutilação.

Após esse relato, percebi que eu estava no caminho certo e pensei que esse poderia ser o tema do meu TCC. Desse momento em diante, senti um grande desejo de pesquisar através da teoria e da prática, de que forma o fazer teatral ajuda os adolescentes com privação de liberdade, em sua reinserção a sociedade.

Então, meu objetivo nesta monografia é mostrar que a oficina de teatro deve ser compreendida como um processo transformador na medida socioeducativa e não deve ser vista apenas como uma oficina de arte pela arte, ou como uma forma de preencher o tempo livre dos adolescentes. Para isso, me instrui através da literatura sobre o fazer teatral dentro de sistemas prisionais e socioeducativos, além de compará-la com a minha prática. Outro objetivo é documentar minhas práticas e, com ela, os resultados alcançados. Também é importante mostrar todos os percalços que acompanham essa jornada.

Para tanto, convidei a professora Márcia, que é uma pesquisadora nessa área, para ser minha orientadora. A partir daqui, me debruçarei em textos de autores com trabalhos nesse universo (oficinas de teatro no sistema socioeducativo e prisional) comparando-os com as minhas próprias vivências. Por outro lado, registrarei depoimentos dos adolescentes e dos profissionais que os acompanhavam (psicólogos e assistentes sociais) nas instituições onde trabalho. Também documentei algumas esquetes teatrais que criamos e apresentamos ao longo do meu tempo na Fundação, pois cada uma trouxe de certa forma um ganho social na vida dos alunos. Desta forma dividi os capítulos:

O capítulo I é um diálogo entre a bibliografia e minha vivência. O foco é mostrar as problemáticas enfrentadas nas oficinas de teatro em sistemas prisionais e socioeducativos.

O capítulo II é uma explanação da minha prática como professor de teatro no sistema socioeducativo em Sergipe. Ganhos sociais, depoimentos dos profissionais que acompanham os adolescentes e algumas das esquetes teatrais mais relevantes feitas entre os anos de 2017 e 2021.

No capítulo III, eu revisito a bibliografia, desta vez, com o foco nos resultados de longo prazo. Nos ganhos obtidos com as oficinas, mostrando como a arte, no caso específico, o teatro, precisa ocupar esses espaços, apesar de todas as problemáticas expostas no capítulo I. Trago depoimentos dos meus alunos, e dos alunos dos textos lidos.

Finalmente termino a monografia com considerações finais sobre o que eu consegui alcançar, até onde cheguei, lançando projeções para outras ações na área dos serviços socioeducativos.

CAPÍTULO 1 – DIÁLOGO COM A BÍBLIOGRAFIA SOBRE A PROBLEMÁTICA DO TEATRO EM SISTEMAS SOCIOEDUCATIVOS E PRISIONAIS

O trabalho em questão destaca como as oficinas de teatro têm sido fundamentais no processo de socioeducação, contribuindo com uma mudança comportamental positiva dos adolescentes privados de liberdade atendidos pela Fundação Renascer. Ao ler o livro e artigos que tive como referência bibliográfica, fui identificando semelhanças e diferenças com minha experiência como oficineiro de teatro na medida socioeducativa em Sergipe. Citarei abaixo alguns dos principais trechos que tomaram minha atenção. Começo pelo artigo de Viviane Becker Narvaes e Natália Ribeiro Fiche chamado “Teatro na prisão: Desafios e Possibilidades”. O texto traz reflexão sobre uma experiência de teatro no ambiente prisional no Rio de Janeiro, adquirida ao longo de dezenove anos. As autoras falam sobre atividades desenvolvidas e abordam aspectos da história dessas intervenções, além de depoimentos de estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que atuaram no projeto e de falas de alguns detentos sobre os desafios dessa atuação.

Narvaes e Fiche (2015, p.134) afirma que “As imagens concretizadas como experiência no corpo criam outros significados para a aspereza da prisão, contribuindo para uma corporeidade renovada, mesmo que transitoriamente, nos exercícios cênicos.” Esse trecho me relembra muito o início de tudo, uma das minhas primeiras impressões do ambiente, um lugar tenso, duro, frio e rígido. O corpo dos adolescentes reflete a rigidez do ambiente, um corpo duro e sempre na defensiva, difícil de quebrar, moldar, criar malemolência, mas quando se consegue, é muito enriquecedor e cria-se um total contraste com o ambiente.

Evidentemente que, ao chegar à penitenciária, muitos elementos novos são colocados pela experiência em si, pelos corpos dos detentos que têm outras características e experiências, mas como nossos corpos treinam algumas possibilidades, nossa capacidade de lidar com as intempéries fica mais aguçada. (NARVAES e FICHE, 2015, p.143).

Os adolescentes em cumprimento de medida socio educativa na Fundação Renascer não têm o costume de contatos físicos, deixar o corpo relaxado e desarmado. Por conta disso os jogos de contato e expressão corporal por muitas vezes não são aceitos, ou são mal executados. Obviamente que se têm exceções.

O professor Micael Côrtes também fala sobre os corpos encarcerados em seu artigo “Portas EntreAbertas: um relato etnográfico a partir de um fazer teatro com pessoas privadas de liberdade- para além do espetáculo...”

Seu texto tem como objetivo relatar uma experimentação a partir de uma oficina desenvolvida em um presídio nos anos de 2008 e 2009 no interior do estado de São Paulo, com um olhar para o campo da pedagogia do teatro. Um processo artístico-estético-pedagógico.

Os jogos tradicionais foram desenvolvidos em várias sessões, sendo distribuídos entre jogos e cantigas, porém experimentando junto a eles outras regras desse jogar, como, por exemplo: escravo de Jó, pai Francisco, cabra-

cega, amarelinha, Terezinha de Jesus, boca de forno, pula corda, durinho, arlequim, a canoa virou, queimada etc., que proporcionavam investigar as regras preestabelecidas e o prazer do jogar e modificar as regras e, diante disso, o despertar do seu próprio corpo, isto é, a alegria, a satisfação, o tocar, o respeitar o outro e o estar-junto nesse espaço carcerário: O ato de possibilitar os jogos dentro de um sistema carcerário favoreceu para eles uma reflexão acerca do seu corpo (CÔRTEZ, 2014, p. 362, 363).

No sistema socioeducativo, assim como no sistema carcerário, os corpos são muito parecidos, o andar dos internos, a mão para trás, o gingado. Os jogos e cantigas de roda utilizados pelo professor, sem dúvida foi uma boa estratégia para “quebrar” esse corpo rígido, duro e deixa-lo mais maleável, flexível, relaxado, mais pré-disposto a qualquer jogo, vivência ou personagens, por exemplo.

De início, estranhei o sucesso do professor Micael no tocante a colaboração dos detentos, pois diversas vezes tentei fazer um aquecimento com a cantiga “pai Francisco” com os adolescentes do CASEM (Comunidade de Atendimento Socio Educativo Masculino) porém, nunca consegui. Eles alegam ser coisa de menina. Sempre tento fazer aquecimento com pular corda e, na maioria das vezes consigo, e, em outras vezes, consigo parcialmente. Alguns fazem, outros não. Então, quando li esse trecho no qual o professor relata que os detentos participavam, me causa uma surpresa. Mas após refletir um pouco sobre as condições em que ele se encontrava, percebo que tinha toda uma situação favorável. Os participantes da oficina eram professores, educadores do sistema prisional, portanto, eram mais “mente aberta” para a arte educação, para o entendimento que os jogos e cantigas estavam sendo usados com um propósito artístico pedagógico. Outro incentivo para a participação era um certificado ao final do curso.

Sobre apresentações dos trabalhos produzidos nas aulas, também encontrei muita semelhança entre minha vivência e a das autoras.

Dessa forma, do final de 1997 para cá temos apresentado diversos trabalhos, os quais contaram com a presença de familiares e/ou amigos dos detentos, dos diretores da instituição e, ao longo do tempo, com a presença de diversas autoridades (NARVAES e FICHE, 2015, p.137).

Na Fundação Renascer, cada unidade tem sua autonomia e forma de proceder. Na UNIFEM (Unidade Feminina), as apresentações do teatro acontecem sempre em dias de visita para que os familiares das adolescentes possam assistir, já no CASEM (Comunidade de Atendimento Socio Educativo Masculino) é um pouco mais complicado realizar as apresentações em dias de visita. Primeiro porque os adolescentes alegam que querem passar o maior tempo possível com a família. Outro motivo é o fato de, por ser dia de muita movimentação, os socioeducadores e agentes de segurança têm muita demanda e um evento ou mesmo uma apresentação nesse dia já ocasionaria uma demanda a mais, além de talvez precisar aumentar o efetivo. Porém, ao longo de três anos, realizamos duas apresentações em dias de visitas e uma apresentação no dia de grupo da família, que é um dia mensal no qual as assistentes sociais, psicólogas e pedagogas se reúnem com a família dos adolescentes com propósitos de estarem mais próximos, manterem um vínculo e tirarem dúvidas. Nas apresentações, sempre contamos com a presença de outros internos, as profissionais que os acompanham, coordenadores, a depender do evento, a direção da unidade, a direção da fundação, juízes, promotores, dentre outras autoridades.

No presídio Nelson Hungria – feminino – os trabalhos foram orientados sob o método do Teatro Oprimido. Em 2000 foi montado o *sistema de rotina*, relatando a rotina na prisão, que teve uma única apresentação e foi polêmica. Ela tinha em seu texto denúncias sobre o sistema daquela unidade prisional. A direção do presídio se sentiu confrontada e interrompeu a apresentação. Foi um momento de crise. Ficou claro para as equipes os limites sociopolíticos do Teatro na Prisão: falar do sistema é possível, o que não é possível é provocar o sistema. (NARVAES e FICHE, 2015, p.138).

Ocorreu um fato muito parecido comigo. Em 2018 Sergipe sediou o encontro nacional com os presidentes das fundações responsáveis em aplicar a medida socioeducativa. Foi-me pedido que realizasse uma peça teatral para apresentar nesse dia. Eu incluí uma crítica no texto, uma crítica sobre o sistema; na crítica, incluí a falta de apoio nos figurinos e cenários, pois todas as vezes que tinha alguma apresentação eu tinha que pedir para amigos e conhecidos do teatro, seja do curso ou do meu grupo. Também incluí no texto uma crítica sobre a falta de apoio a outroicineiro, o professor de percussão que dava aula utilizando latas de tinta. Os adolescentes ainda compuseram um rap sobre a qualidade da comida que, segundo eles, era ruim e, às vezes, estragada. O espetáculo foi um sucesso, muito aplaudido, toda plateia se levantou, dava para perceber a euforia, porém, dias depois fui chamado pelo presidente da fundação para uma conversa e fui demitido. Durante os meses seguintes, alguns dos dirigentes da fundação, pessoas abaixo do presidente, mas que também fazem parte das tomadas de decisões, conversaram diversas vezes com o presidente sobre o meu propósito com aquela apresentação, que o objetivo não foi um ataque a Fundação Renascer e sim ao sistema de modo geral, um sistema que não disponibiliza verba para as oficinas artísticas, pedagógicas, culturais e de lazer que são de suma importância para os adolescentes privados de liberdade e que estão previstas no SINASE, além de buscar mais atenção sobre a qualidade da comida que chegava para os adolescentes. Após 6 meses, fui chamado pelo setor financeiro da fundação e depois de uma conversa esclarecedora, fui recontratado.

Em 2017 quando fui contratado como oficineiro de teatro pela Fundação Renascer, também cheguei a ministrar aulas em espaços não muito adequados. Lembro de uma vez em que um alojamento desativado foi improvisado para ser o local da aula, o espaço exalava um odor muito forte, tanto das paredes e chão, como do banheiro. Algumas vezes, cheguei a dar aula ao mesmo tempo que a aula de percussão, as salas eram uma de frente para a outra, o barulho era muito alto, mal podia ouvir os alunos e nem eles a mim. No entanto, foram poucas as vezes. Já as autoras, tiveram uma experiência muito mais desafiadora no que diz respeito ao ambiente.

O local disponível para realizar as oficinas de teatro era problemático: rota de passagem constante de detentas e agentes penitenciários, dispersivo, barulhento, nos obrigando a ter um esforço vocal enorme. Além disso, quinzenalmente, coincidia com a visita da defensora pública, o que causava uma agitação em toda penitenciária (NARVAES e FICHE, 2015, p.139)

No trabalho, sempre me deparo de alguma forma com pessoas que entendem as aulas de teatro apenas como ensaios pra alguma peça. Sempre que terminamos de apresentar uma esquete, pessoas vêm até mim e dizem coisas do tipo “professor, a peça foi ótima, parabéns. A próxima peça vai ser sobre o que? Vai ser quando?”. Reafirmo não ser essa a visão da Fundação Renascer, e sim de alguns funcionários que ao ver o teatro em um ambiente de privação de liberdade, isso lhes causa um certo estranhamento por

não entenderem o que pode o teatro na socioeducação. O artigo “O Teatro entre as grades do patriarcado: privação de liberdade e de experiências em uma prática no regime socioeducativo”, relata práticas de pesquisadores de teatro com jovens em cumprimento de medida socioeducativa e em privação de liberdade, investigando a pedagogia do teatro junto aos jovens nos setores femininos e masculino de uma instituição socioeducativa catarinense. Segundo os relatos, nessa instituição também ocorre uma visão limitada sobre o teatro, porém, vem da própria direção.

Na nossa primeira reunião, percebemos que a perspectiva para o trabalho não passaria pelo campo da prática teatral processual, de cunho pedagógico, como imaginávamos. Presumimos que a visão de trabalhos artísticos, por parte da administração do local, enfatizava resultados e não processos como era de nosso interesse. O que interessava à instituição era principalmente a capacitação das(os) jovens e não a experiência libertadora e emancipatória que o Teatro é capaz de proporcionar. Talvez isso explique o motivo pelos quais tantas oficinas disponibilizadas no CASE não foram concluídas (como nos informou a direção), já que o intuito de conscientização social e artística era diminuído perante os objetivos mercadológicos das ações. (MARQUES; CONCILIO; SILVEIRA; MACHADO, 2020, p. 9)

Certa vez fui designado para ir um dia na semana para a USIP (Unidade Socioeducativa de Internação Provisória). Chegando lá, conheci os adolescentes e ministrei a aula. Quando eu já estava em casa, o diretor da unidade me mandou mensagem perguntando qual o nome da peça que eu tinha feito, demonstrando que no entendimento dele, se teve aula de teatro, teve uma peça. Ou, o que mais o professor estaria fazendo lá? Óbvio que enviei um texto explicando como funciona minha metodologia e como o teatro pode ser uma ferramenta transformadora na socioeducação.

O professor Micael também fala sobre a importância do teatro para além na cena e nos mostra que não só a instituição, mas também seus próprios alunos, que eram os monitores da instituição, pensavam o teatro apenas para produzir espetáculos.

Assim, teatro, nesse primeiro momento, provocou nos monitores a curiosidade sobre a ideia desses saberes e saber-fazer teatro, pois a arte, para alguns deles, era concebida apenas como um espetáculo (produto final), ou seja, não havia muita preocupação com seu processo de trabalho, [...]

[...] a meu ver, é possível contemplar por meio de um processo de experimentações (fazer, criar e pensar), envolvendo os jogos tradicionais e teatrais (jogar/atuar); os jogos de improvisação (prática teatral/ discurso da cena); e a encenação (comunicação entre palco-plateia/a cena teatral), desta forma, possibilitando uma aprendizagem que possa abarcar elementos, como, por exemplo, o autoconhecimento, o trabalho coletivo, a responsabilidade, o comprometimento, a cooperação, a ética e a criação artística (teatro) como contribuição para a experiência educativa. [...] Minha opção por essa terminologia opõe-se ao ensino de teatro tradicional, que propõe colocar somente o texto nas mãos dos participantes para que eles decorem as falas e as marcações, privilegiando o produto, isto é, o espetáculo teatral para um evento programado de festividades, como, por exemplo, as festividades comemorativas das instituições, sem se preocupar com o processo de trabalho (CÔRTEZ, 2014, p. 368, 369)

No CASEM, obrigava-se os adolescentes a irem para as oficinas, caso contrário eles seriam punidos. Isso deixava a sala de aula cheia, porém pouco produtiva. Os

meninos não estavam felizes nem à vontade; alguns se queixavam da obrigatoriedade em estar ali. Além disso, quando os que tinham interesse nas aulas participavam, os outros riam ou faziam comentários que os intimidavam. Com o passar do tempo fui conversando com os coordenadores de segurança sobre esse ponto e aos poucos fomos mudando isso. Hoje, quase não ocorre mais essa obrigatoriedade. Em suma, só vão para as aulas, os que querem realmente participar, mas ainda há coordenador de plantão que diz ao adolescente “ou você vai para a aula, ou vai para a tranca” Sobre as interferências externas na variação da quantidade de alunos, Narvaes e Fiche relataram:

[...] a variação numérica se dá porque o diretor da penitenciária e os agentes usam a aula de teatro como moeda de negociação, só sai da galeria para o teatro quem se comporta bem. Na penitenciária Talavera Bruce, a frequência tem sido regular, pois ocorre a distribuição de *kits* de higiene para quem participa das atividades. Tentamos resistir a essa prática, porém as detentas e a direção alegaram que esta era uma cultura local e tivemos de nos adaptar a ela. Alguns outros aspectos interferem na assiduidade dos detentos e detentas: as doenças, a depressão, a punição de isolamento, o consumo de drogas e, mais raramente a falta da roupa adequada para sair da galeria ou da cela, camisetas brancas e calças jeans (NARVAS e FICHE, 2015, p.145).

Encontrei no texto do professor Micael, relatos dele e dos monitores, os quais são desmotivadores, a respeito de agentes de segurança que dificultam o bom andamento das aulas.

Por outro lado, pude também me angustiar mediante aos percalços para desenvolver a prática teatral no presídio, pois, quando não eram a suspensão da oficina por parte da administração do presídio e, portanto, a não permissão para a minha entrada no Galpão Escola, em outros momentos, eram os relatos de angústias e sofrimento deles quando saíam do Galpão Escola e retornavam para os respectivos raios (celas). Nesses dias, o que me restava era apenas possibilitar a escuta sensível. Talvez a oficina não tenha sido contemplada como um todo devido aos problemas do cotidiano (nesse presente caso, as revistas nas celas feitas de surpresa pelos agentes da penitenciária), que, às vezes, impediam que eles fossem para o Galpão Escola, como podemos apreender na escrita de um monitor: “[...] o trabalho de ‘oficina’ feito pelo professor é um trabalho interessante e até promissor, embora, os percalços cotidianos não nos permitam desfrutar na íntegra os benefícios do mesmo” (CÔRTEZ, 2014, p. 365)

Esse relato me chamou muito a atenção por dois motivos. Primeiro, pelos percalços enfrentados que são bem parecidos com os meus. Nunca ocorreu uma suspensão da oficina por parte da administração, mas por parte da segurança sim, diversas vezes e por motivos diversos: falta de efetivo, revista de última hora, adolescentes estarem cumprindo sanção. Também já aconteceu dos socioeducadores ou agentes de segurança irem buscar os adolescentes e voltarem dizendo que eles não estavam dispostos a irem para a atividade. Dias depois, eu descobrir pelos adolescentes de que não foram chamados.

O segundo motivo é que também já tive vários momentos de não realizar uma atividade, apenas possibilitar uma escuta sensível. Sempre que está próximo a data da audiência de algum adolescente, ele cria muita expectativa, uns mais que outros. Daí quando recebem a manutenção da medida, alguns se descontrolam, mudam de humor, se entristecem ou ficam agressivos. Esses, quando chegam na aula, ficam no canto, se

recusam interagir. Outros desabafam, reclamam de forma alterada, dizem que as aulas de teatro não os ajudaram em nada. Nesses momentos, o que me resta é ouvi-los e praticar a socioeducação.

Às vezes, tenho a impressão de que quase tudo seja um faz de conta, a escola, as oficinas, os cursos. Às vezes, observo e penso que a prática não segue o que está no ECA e no SINASE, é como se “todos” quisessem que o sistema socioeducativo falhasse. A forma de “educar” que observo em alguns socioeducadores e agentes de segurança é fazer os adolescentes se calarem e obedecerem cegamente a tudo, não opinar, não questionar, não dar propostas, apenas obedecer, muitos só conhecem essa visão e não se abrem a uma diferente forma de se enxergar a socioeducação. A esse respeito, a professora Marcia disse:

Foi devido a delegação de poderes de lei ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que o sistema de *reforma*ção da Febem foi substituído pelas medidas sócio educativas da Fundação Casa, o que representou grande avanços com relação ao direito dos adolescentes, mas, na prática, poucos avanços para a formação de cidadãos brasileiros. Os princípios das normas e das punições, próprios do regime de sanções da antiga Febem quanto da atual Fundação Casa, conflitam-se com os ideais de protagonismo e da democracia almejados para os cidadãos brasileiros... A educação torna-se um mecanismo de adestramento para a obediência e não um meio de empoderamento para cidadãos atuantes (BALTAZAR, 2015, p.161).

Os socioeducadores e agentes de segurança são os que estão mais próximos dos adolescentes, os que mais têm contato; se eles dialogassem mais, aconselhassem, ensinassem, buscassem ter um pouco mais de empatia, esse seria de fato o trabalho mais grandioso na medida socioeducativa. Sobre isso Boal disse:

Temos que mostrar, em linguagem teatral, que os direitos humanos são humanos e se referem a todos os humanos, não apenas aos presos e suas famílias, mas também a eles, agentes: que um dos objetivos mais importantes dos direitos humanos é compreender o ser humano - direito e dever. Isto faz parte da função agente, que não se pode resumir apenas a guardador de chaves e usuário de cassetetes - ser agente deve ser uma função nobre, como a do médico e a do professor: ensina e ajuda a curar (BOAL, 2003, p. 146 apud MARQUES; CONCILIO; SILVEIRA; MACHADO, 2020, p. 15).

Se por um lado encontrei relatos que, de certa forma entristecem, por outro, também vi coisas inspiradoras. Tanto no texto da professora Marcia, como no artigo de Marques, Concilio, Vieira e Machado, achei uma excelente sacada, a ideia de criar uma peça sobre dificuldades enfrentadas pelos professores e que os mesmos, usaram a arte para lidar com a situação. Dessa forma tornaram a situação em algo artístico-pedagógico, além de ser uma criação coletiva.

Depois de lermos essa carta, acordamos que a partir daquele momento eu iria sempre contar os materiais trazidos para a aula na presença de um ou mais alunos e, inspirada na dialética de Brecht, propus fazermos uma peça de teatro sobre o sumiço do lápis mostrando dois pontos de vista: o meu e o dos meninos; em uma das situações: uma em que os meninos haviam pegado o lápis e outra, em que eu estava com o lápis no bolso e tinha me esquecido dele. (BALRAZAR, 2015, p.179).

Em um de nossos encontros, as agentes de segurança estavam todas reunidas entre as duas alas conversando alto o suficiente para que tivéssemos dificuldade de sermos ouvidas pelas internas. Pedimos que falassem mais baixo, porém não fomos atendidas. Para aquela aula em específico, buscávamos retomar com as jovens, aspectos do trabalho de atuação, desenvolvidos até então. Elas nos diziam o que julgavam ser crucial para entrar em cena, mas o barulho e as gargalhadas das agentes atrapalhavam nosso raciocínio. Então, decidimos jogar teatralmente. Solicitamos às alunas que se aproximassem da grade que as separava das agentes, e que anotassem em seus cadernos o que viam nos corpos e ações das agentes de segurança enquanto as observavam. As jovens, inicialmente, temerosas com a possibilidade de serem repreendidas, passaram a se divertir vendo o desconforto das agentes de segurança ao serem observadas com afinco. Após dez minutos de silêncio e observação, retomamos o exercício a partir das percepções das internas. As jovens perceberam que, quando somos observadas, mudamos de postura. Através do Teatro, pudemos inverter a lógica de vigilância a que estão submetidas as jovens e em micro escala, mostramos às agentes o que é ter como realidade a sensação de constante observação, assim como vivem as jovens (MARQUES; CONCILIO; SILVEIRA; MACHADO, 2020, p.17).

No início, quando fui recontratado, fiz diversas aulas seguindo essa forma de se trabalhar, mas não eram peças, eram esquetes bem curtas, cenas que os alunos criavam e duravam de 1 a 3 minutos, nunca pensei em expandir as cenas para algo como uma peça ou uma performance. Essas experiências me inspiraram.

Ao ser recontratado pela Fundação Renascer, voltei com o pensamento de não mais fazer críticas e sim focar em contribuir com o sistema socioeducativo através das oficinas de teatro, fazer críticas sim, mas dentro da aula somente. As esquetes teatrais seriam para fazer comédias e coisas temáticas, assim eu agradaria a todos e garantiria meu emprego. Porém, com o passar dos meses, fui me empoderando e com 10 meses de contratado, em um evento de comemoração de um ano da unidade CASEM, incluí algumas críticas sutis no meio do texto. Como as críticas não roubaram a cena, não houve repreensão, queixas ou algo do tipo.

“Percebi que na minha posição, ou seja, de professora de teatro contratada por uma ONG, eu dificilmente conseguiria modificar a estrutura autoritária, hierárquica e infantilizante da Fundação Casa.” (BALTAZAR, 2015, p.182). Quando fui demitido por ter feito uma crítica ao sistema incluída na adaptação da peça “O rico e avarento”, pensei que eu, um funcionário terceirizado não conseguiria mudar o sistema, pensei muitas vezes que se eu tivesse outra chance, focaria mais no que fui contratado para fazer. Seis meses depois da minha demissão, fui novamente contratado, e para minha surpresa não consigo fechar os olhos para o que está acontecendo ao meu redor, pelo contrário, continuo atento, batendo de frente às vezes e denunciando. Só que dessa vez de uma forma mais sutil e sempre relatando tudo a meus superiores, assim não luto só.

“O mesmo adolescente M. fala também que teatro é jogo, é relação, atenção e ação. Diz que, no grupo, um precisa jogar com o outro e, se a bola cair, salvar o jogo.” (BALTAZAR, 2015, p.206). Ao ler esse relato, fiquei pensando se algum dos meus alunos conseguiria dizer algo parecido, se as aulas de teatro os fizeram pensar criticamente, se contribuíram para que eles conseguissem se expressar em um debate, seja qual for o tema. A fala desse aluno M. me fez perceber que eu deveria trabalhar mais temas sociais, como violência, violência doméstica, agressão verbal, desemprego,

consumismo, família, educação, auto estima, respeito etc, além da própria linguagem teatral.

CAPÍTULO II - MINHA PRÁTICA NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO DE SERGIPE

A sede da Fundação Renascer fica situada no bairro Luzia na cidade de Aracaju – SE, lá se encontra a administração, a direção geral, a presidência, o financeiro, além de outros setores. É lá também que separadamente ficam as unidades Unifem (Unidade Feminina) e o Semiliberdade 1. Cada unidade com sua própria direção e autonomia. Além desse enorme espaço, a Fundação tem mais 3 unidades espalhadas pela cidade de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro. A USIP (Unidade Socioeducativa de Internação Provisória) fica na Avenida Pres. Tancredo Neves, o Semiliberdade 2, fica na Rua Acre. Já o CASEM (Comunidade de Atendimento Socioeducativo Masculino) fica na Cidade de Nossa Senhora do Socorro.

A CASEM é a unidade mais nova, ela foi construída seguindo o modelo nacional de ambiente socioeducativo, um modelo que dá ao lugar uma aparência de escola, não de prisão. O espaço é muito amplo e dividido em blocos separados. O primeiro conta com uma sala de recepção e salas menores para revistas, além de banheiros. O segundo conta com uma sala de administração, sala do diretor, da chefia da segurança e outras. O terceiro bloco é o setor técnico, onde os adolescentes são atendidos pelas assistentes sociais, psicólogas e pedagogas. Depois temos o setor de saúde, refeitório e o setor da educação; nesse último, se encontra a escola, sala de informática, biblioteca e salas de oficinas. Depois temos o espaço onde os adolescentes ficam alojados, eles são divididos por casas, e, realmente, olhando de fora, o espaço parece com uma casa apesar das grades. Dentro das casas, eles transitam livremente, sendo que os alojamentos são subdivididos para duplas. E por último, a unidade conta com um ginásio amplo.

Trabalhei nas unidades CENAM (Centro de Atendimento ao Menor) e na UNIFEM (Unidade Feminina) de junho de 2017 a junho de 2018. Em janeiro de 2019, fui novamente contratado pela Fundação Renascer, desta vez, para trabalhar na unidade CASEM (Comunidade de Atendimento Socio Educativo Masculino) além da UNIFEM. Nessa época, o CENAM tinha sido interditado pela justiça, por ser um ambiente mais nos moldes de um presídio do que socioeducativo. Era pequeno e não comportava com dignidade a quantidade de adolescentes.

Quando fui contratado pela Fundação Renascer, ainda no CENAN e UNIFEM, e na medida em que fui ministrando as aulas, fui perguntando aos adolescentes qual o contado deles com o teatro, se eles, sabiam do que se tratava; se já tinham feito teatro na escola, igreja ou comunidade; se já tinham assistido alguma peça em algum lugar, se já tinham entrado em um teatro etc.

Todos, sem exceção, diziam que nunca tinham feito teatro, nunca tinham assistido a uma peça e nem tinham entrado em um teatro. Alguns nem se quer sabiam do que eu estava falando.

Nas primeiras semanas, eu fui conhecendo-os através do acolhimento e percebendo uma inclinação para jogos que envolvessem exercícios físicos, além dos que envolviam humor. Então, eu ia fazendo dessa forma. Só com o tempo é que fui incluindo jogos de interpretação, leitura de textos, criação, etc.

Nos jogos de interpretação, alguns se destacavam por usar o momento para interpretar um personagem, algo totalmente diferente da sua realidade. Geralmente era em um tom de humor, de palhaçada, mais para arrancar risos dos companheiros do que seguir o propósito dos jogos. No entanto, tudo era válido, e eu estava os conhecendo cada vez mais e também caía na graça.

Ao passo que alguns agiam dessa forma, outros agiam de forma oposta. Mantinham sua postura de sérios, na defensiva, cara fechada e se negavam a entrar no jogo. Ou quando participavam, era sem entrega, meio que por obrigação.

Nos jogos de improviso, após alguma introdução, algum jogo, história ou debate, eu sempre pedia que os alunos se dividissem em grupos ou duplas e criassem uma esquete teatral baseada no tema ou temas trabalhados no primeiro momento.

Todas as pessoas são capazes de improvisar... Aprendemos através da experiência... Se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar (SPOLIN, 2010, p. 3)

Sempre que eu trabalhava dessa forma com alunos novos, eles incluíam violência nas esquetes. Não importava o tema, sempre tinha assalto, tiros, morte e drogas. Era curioso como em temas que não tinham nada a ver com essas ações, eles conseguiam incluir ações violentas.

Nas primeiras experiências, eu ficava muito constrangido, sem reação, me questionando se eu os tinha feito entender que a temática era aquela, ou se eu tinha deixado de explicar corretamente sobre o que deveriam ser as esquetes, ainda mais porque os socioeducadores ficavam na sala acompanhando os adolescentes. O que me deixava preocupado era que os socioeducadores, de alguma forma, achassem que eu estivesse incitando os adolescentes. No entanto, eu sabia que em uma improvisação, usamos como referência, algo nosso, algo do nosso cotidiano, nossa mente busca vivências, só com o tempo e práticas, conseguimos aos poucos ir dominando a arte de improvisar nas mais diferentes situações, sem precisar ter como referências, algo próximo de nós.

O intuitivo só pode responder no imediato, no aqui e agora. Ele gera suas dádivas no momento de espontaneidade, no momento quando estamos livres para atuar e inter-relacionar, envolvendo-nos com o mundo à nossa volta que está em constante transformação. [...] É necessário um caminho para adquirir o conhecimento intuitivo. Ele requer um ambiente no qual a experiência se realize, uma pessoa livre para experienciar e uma atividade que faça a espontaneidade acontecer” (SPOLIN, 2010, p. 4).

Certa vez, em 2019, na aula, um aluno fez uma cena atirando em um policial. Sempre que acabavam as esquetes, fazíamos um feedback. Eu perguntava aos alunos dos outros grupos, que estavam sendo plateia, o que eles acharam da apresentação, sobre a construção da cena, a interpretação, a projeção de voz, o posicionamento no espaço, entre outros. Logo depois, falava as minhas impressões.

Nesse momento, eu aproveitava para questionar o porque de terem seguido um caminho tão violento. Não os repreendia e nem proibia de seguirem um caminho parecido da próxima vez, mas mostrava outros caminhos que eles poderiam ir. Às vezes, eu pedia para repetir a cena e eu fazia o papel de diretor, modificando alguns trechos violentos

para mostrar na prática outras possibilidades. Foi o que fiz nessa esquete na qual o policial foi morto. Mostrei possibilidades nas quais toda a violência poderia ser retirada, sem perder a essência da cena criada por eles.

Horas mais tarde, chegou até mim que logo depois da aula ter acabado, o adolescente que fez a cena atirando em um policial foi repreendido severamente por um agente de segurança e foi posto para cumprir sanção, conhecida por todos como “tranca”. Ao conversar com o meu coordenador, expliquei a ele que aquele tipo de atitude interferia em meu trabalho, pois os alunos poderiam ficar receosos de criarem cenas por si sós, e até de participar das minhas aulas com medo de alguma retaliação ao final. Eu expus também que nas esquetes, eles põem para fora o que tem dentro, que as esquetes refletiam o que eles pensavam e o fato de proibi-los não mudaria o pensamento ou desejo, apenas camuflaria, e a melhor forma de influencia-los para uma não violência, seria deixando-os livres para criar e depois debater, confrontar, questionar e mostrar outras possibilidades, e quem sabe, com o tempo eles mudariam por eles mesmos e essa seria a verdadeira mudança, pois seria uma mudança de dentro para fora e não superficial. O meu coordenador, que é psicólogo, concordou com o que foi dito e acrescentou algumas coisas que ficaram guardadas na minha mente. No ano atual de 2022, quando eu estava lendo sobre esse determinado assunto, lembrei-me daquela conversa e pedi para o então ex coordenador me enviar um depoimento sobre aquela situação e ele me enviou no dia 03 de março de 2022 o seguinte texto:

Um certo dia, em 2019, se não me engano, eu estava como coordenador técnico, quando me chegou o coordenador de segurança da CASEM me fazendo uma queixa: O professor de Teatro está fazendo uma atividade na qual os educandos estão fazendo papel de assaltantes, traficantes e etc... Disse que iria conversar com o mesmo e quando fui questionar como se tratou tal atividade o mesmo me argumentou dizendo o seguinte: Eu tenho que fazer os educandos pensarem e não determinar os papéis que eles farão, até porque, quando tiverem lá fora, não vão ter um professor de oficina de teatro, terão que pensar por conta própria; além do mais antes, esse número de socioeducandos era maior fazendo esses papéis hoje já diminuiu consideravelmente. Aceitei prontamente o argumento do professor até porque concordei com o mesmo e pedi para que o mesmo continuasse fazendo seu trabalho sem mudar em nada.

Quando o professor da oficina de teatro argumentou, pensei logo nos estágios de Jean Piaget, onde o conhecimento é construído nas fases: Sensório-motor (0 a 2 anos); Pré-operatório (2 a 7 anos); Operações concretas (7 a 11 ou 12 anos); Operações formais (11 ou 12 anos em diante). E uma fase é muito importante para as demais se desenvolverem...¹

Meses depois, eu fui percebendo que as esquetes que continham violência e uso de drogas quase não existiam mais. Os alunos foram mudando a forma de criação das esquetes e focando mais nos temas propostos do que em usar o “palco” para reforçar seu empoderamento como “criminosos” numa conversa/disputa indireta entre os adolescentes.

¹ Tiago Luiz de Jesus Kátib, Depoimento entregue via whatsapp pelo ex coordenador em 03 de março de 2022. Aracaju/SE.

Quando comecei a introduzir textos curtos nas aulas, logo tive uma grande surpresa. Muitos não sabiam ler, e vários dos que sabiam, liam com muita dificuldade e não entendiam o que estavam lendo. Eu precisava que eles soubessem ler, pois, como eu iria montar peças ou esquetes teatrais? E no caso dos que se dedicavam às aulas e interpretavam bem, iria deixar de priorizá-los, para colocar os que liam, mas não tinham a mesma dedicação?

Essas dúvidas não duraram muito, pois conheci o aluno W. Ele não sabia nem escrever o próprio nome. Certa vez, levei um texto para a aula. Minha ideia era dividir em grupos, cada grupo ler a história, ensaiar e depois apresentá-la para mim. Entreguei uma cópia para os grupos e fiquei ajudando os que não liam; eles não precisavam decorar, apenas seguir a história com suas próprias palavras.

Após cada membro do grupo escolher seu personagem e começar a ensaiar, o aluno W, discretamente, pediu-me que repetisse a primeira fala do personagem que ele tinha escolhido. Assim eu fiz, ele ia para um canto da sala e depois de um tempo voltava e me repetia a frase. Perguntava se estava correta e pedia para eu lhe passar a próxima fala e assim por diante. Quando chegou o momento das apresentações, ele dizia tudo certinho. A partir desse dia, eu deixei de me preocupar com saber ou não saber ler, percebi que a dedicação era o mais importante.

Os resultados conquistados com e pelo teatro

Na introdução, falei sobre adolescentes citados pela então coordenadora e apontei que o teatro contribuiu para uma melhora comportamental. Agora vou explicar mais detalhadamente como isso se deu, também vou citar alguns casos e situações nas quais vi as aulas de teatro contribuindo para uma mudança positiva no comportamento e na forma de pensar de alguns adolescentes que cumpriam as medidas socioeducativas.

Em 2018, a assistente social e coordenadora técnica do CENAM, me chamou para uma conversa. Naquele momento, ela explicou que a Fundação estaria promovendo um seminário de boas práticas, no qual cada unidade iria confeccionar um banner e apresentar uma ou mais ações com bons resultados, sugerindo que o tema da boa prática da nossa unidade deveria ser sobre como o teatro estava sendo um processo de inclusão na medida socioeducativa de internação. Foi naquele momento que ela disse que no grupo de teatro tinham dois adolescentes que apresentavam um quadro preocupante.

O aluno J.M., que se automutilava, de tempos em tempos, aparecia com os braços cortados, desde o punho até próximo do cotovelo. Porém, ao começar a participar do teatro e recebendo cada vez mais papéis de destaque, sua autoestima foi mudando e chegou ao ponto que esse adolescente não se mutilava mais. Ao ouvir esse relato, me emocionei, pois eu não sabia de nada disso. Eu já tinha visto os braços dele feridos, com marcas; mas sempre que eu perguntava sobre aquilo, ele dizia que não era nada e que não queria falar sobre aquilo e, logo, eu o respeitava.

A coordenadora também falou sobre o aluno W. Contou que ele era um dos adolescentes mais indisciplinados da unidade. Todas as aulas em que participava, os

professores se queixavam que ele atrapalhava, ficava inquieto, causava briga com os demais colegas, entre outras coisas. No entanto, surpreendentemente, seu comportamento nas aulas de teatro era o oposto, ele participava com entusiasmo, a inclusão dele nas peças, influenciou um melhor comportamento na escola. Fizemos um banner para um evento e nas considerações finais, a coordenadora descreveu.

Verifica-se, contudo, que as oficinas de arte-educação, nesse caso específico, o teatro, tem sido fundamental no processo socioeducativo por fomentar junto aos adolescentes o interesse e a vivência de atividades culturais e artísticas, bem como a qualificação artística de acordo seus interesses e aptidões. E mais que isso, contribuído para a inclusão social dos adolescentes².

Em 2019, já na CASEM, conheci o aluno E. Eu não sentia nele uma vocação para o teatro. Ele não era aquela pessoa “multifaceta”, que fazia cada personagem diferente do anterior; pelo contrário, mudava as peças, os personagens, mas parecia ser o mesmo personagem sempre. No entanto, ele era acima da média no quesito decorar texto, ele decorava mais rápido do que eu e do que vários atores que já vi. Ele também era muito obediente e observador, não questionava a direção, seguia a risca as marcações de cena. Essas qualidades me faziam sempre pôr ele em papéis de protagonismo. Certa vez, fomos convidados para apresentar a peça “ECA para fazer Eco” em um evento na UFS.

O centro de Vivência do Campus da UFS em São Cristóvão estava lotado. Perguntei a um por um, quem já tinha entrado em uma universidade. Todos, sem exceção, disseram que era a primeira vez. Usei a oportunidade para explicar um pouco sobre a UFS, conversar sobre quais os planos para o futuro, se algum deles tinha o desejo de estudar em uma universidade etc.

O aluno E estava maravilhado com o local, o ambiente, as pessoas. Ele disse que estava se sentindo muito bem naquele lugar, que pela primeira vez na vida estava sentindo um desejo de fazer universidade, ele disse que se imaginava alí, com aquelas pessoas. Perguntei-lhe em qual curso ele se via estudando; ele disse medicina. Fiquei muito emocionado ao ver a felicidade dos alunos ao visitar uma universidade pela primeira vez.

Sobre o aluno E, certa vez comentei com a assistente social que o acompanhava, sobre as mudanças que eu tinha observado nele após sua inserção nas aulas de teatro, a assistente relatou também ter notado mudanças e ao citar essas tais mudanças, eu lhe pedi que escrevesse para que eu pudesse documentar. A assistente me enviou por e-mail o seguinte depoimento.

Exerço a função de assistente social na Comunidade de Atendimento Socioeducativo Masculina - Casem, N. Sra. do Socorro- SE. Nessa instituição ofertamos algumas atividades, entre elas as oficinas de teatro. Tenho notado, desde o início de 2019 a importância desta última, como ela impacta na mudança de vida de alguns adolescentes que se permitem vivenciar essa atividade. Acredito que o primeiro ponto alcançado pelo teatro seja a autoestima. Eles estão ali no palco, interpretando sentimentos, revelando sua essência, um lugar que a sociedade não lhes deu, e o palco é essa segunda chance... Minha primeira observação foi em relação a E. A, que tinha 18 anos na época. Ele mudou de atitude após ser inserido nas aulas de teatro, mudou o olhar, a postura, a empolgação em planejar o futuro, seus vínculos com os

² Lizandra Vieira de Oliveira Rocha, Márcio Santana da Silva. 2018. O Teatro como Ferramenta de Inclusão na Medida Socioeducativa de Internação. Banner, Aracaju, maio de 2018.

profissionais foram se estreitando de maneira muito positiva, talvez por sentir-se visto e ouvido, essa foi minha percepção mais marcante. Mas tenho visto outros jovens se sentirem acolhidos neste espaço, e ter um comportamento dentro deste espaço e até outro fora dele, como se ele só se reconhecesse ali dentro. Posso citar aqui J.H., 20 anos e K.G., 18 anos. Preciso citar também L.A. que naturalmente ele sabia que não nasceu para as artes cênicas, mas seu semblante sisudo, seu humor triste se transformava nas peças apresentadas. Ele foi humorista, foi idoso, foi jovem, foi inúmeros personagens e em nenhum deles L.A. subia ao palco com suas dores; a plateia nem imaginava os bastidores daquela vida, e vê-lo nas apresentações sempre me remetia a uma frase de Robin Williams muito conhecida na internet, onde ele diz: “As pessoas mais tristes, estão sempre tentando fazer as outras se sentirem mais felizes. Porque elas sabem como é se sentirem absolutamente sem valor e não querem que ninguém sinta o mesmo.” Refletindo sobre isso eu podia pensar que L.A. estava sim ressocializado, pois ao demonstrar empatia, ele demonstrava arrependimento e reflexão sobre os seus erros e seu momento vivido³.

Recentemente outra assistente social veio conversar comigo sobre um adolescente que ela acompanha, segundo a assistente, o adolescente era tão introspectivo, que ela mal conseguia manter um diálogo, criar vínculo, o adolescente não se expressava. Daí me pediu para, se possível, inclui-lo no grupo de teatro, na esperança que de alguma forma, isso o ajudasse. Eu chamei o adolescente para participar de algumas aulas com outros que já frequentavam as aulas há mais tempo, acredito que a boa energia e empolgação dos demais, ajudaram esse adolescente a ir se abrindo, relaxando, quebrando sua blindagem aos poucos, após ver seus colegas se apresentando em peças nas semanas seguintes, o próprio adolescente pediu uma oportunidade de se apresentar também. Eu não fiz nada, não lhe dei um tratamento especial, não o cobreí nem a mais e nem a menos que os outros nos exercícios e jogos teatrais, nem o convidei para o grupo de teatro, partiu dele. O próprio teatro fez essa mudança. Não muito tempo depois, a assistente voltou para conversar comigo e me deu um relato sobre o progresso do adolescente. Assim como eu havia feito com os outros profissionais, pedi a assistente social que me concedesse o relato que ela tinha acabado de dar, por escrito, para que eu pudesse documentar.

Márcio, desde quando o adolescente A. chegou na unidade e comecei a atendê-lo, percebi que ele era muito diferente, introspectivo, como se tivesse medo, receio, não tinha interesse nenhum em se expressar nos atendimentos, Eu nem tinha como avaliar, como conhece-lo melhor, como chegar até ele, criar um vínculo. Ele não se abria. Foi aí que eu te sugeri, que incluísse ele no grupo de teatro e já depois da segunda peça apresentada, eu já senti ele melhor nos atendimentos. Ele já estava mais extrovertido, mais falante, até estava sorrindo, coisa que eu nunca tinha visto. Era como se ele tivesse renovado a esperança de dias melhores. Não sei explicar, mas foi muito positivo pra mim, a inserção dele no teatro, ele se sentiu valorizado, importante. Acho as aulas de teatro muito importante, ajuda no relatório e tem ajudado bastante no desenvolvimento do adolescente⁴.

³ Erica Rejane Pereira Aragão, depoimento concedido por e-mail no dia 3 de março de 2022. Aracaju/SE.

⁴ Geórgia Cristine Bezerra Barbosa, assistente social. Relato concedido via whatsapp em março de 2022. Aracaju.

As montagens mais relevantes

RECITAL DE POESIAS

Uma das primeiras apresentações feitas pelos alunos no teatro foi quase um recital de poesias. Era o dia 8 de março, o dia internacional da mulher.

Eu tive a ideia de pedir doações de roupas para o teatro. Escolhi uns seis alunos. Ensaíamos algumas poesias curtas, pois eles não tinham a prática de decorar. A apresentação seria surpresa, na sala da equipe técnica, pois só a coordenadora e a equipe de segurança sabiam. Escolhi fazer a apresentação lá porque a equipe era composta na sua maioria por mulheres.

No dia da apresentação, entrei primeiro e fui ligando a caixa de som. O sinal era que assim que a música tocasse, os personagens entrariam. A apresentação consistia em: à medida que algumas músicas com o tema mulher, fossem sendo tocadas, os personagens entrariam e continuariam caminhando pelo espaço. Quando a música parasse, todos ficariam em estátuas e um deles iria até a frente recitar sua poesia. A ordem tinha sido preestabelecida nos ensaios.

Quando eu soltei a música e os personagens entraram, todas ficaram espantadas, pois os adolescentes estavam com uma roupa diferente do uniforme habitual e seus rostos estavam pintados. Foi impactante. Assim que os personagens entraram, dava para ver eles conversando, um dizia para o outro que tinha esquecido o texto, o outro dizia que tinha esquecido qual seria a vez dele, outro dizia que estava nervoso, isso tudo estava acontecendo em cena. Sempre que parava a música, eu não sabia o que iria acontecer, isso porque eles estavam muito inseguros e tiveram vários erros. Uma das vezes que parei, um personagem disse “Eita! Esqueci”. Outro esqueceu e improvisou, outro disse “Cadê meu papel?”. A cada erro deles, eu ficava constrangido, me cobrava achando que tinha tomado a decisão errada em fazer aquela apresentação, mas apesar do meu constrangimento, a plateia estava adorando. Sempre que um personagem esquecia o texto, a plateia ria e aplaudia dando apoio.

No final, percebi que no sistema socioeducativo o que mais importava não eram peças bem ensaiadas e elaboradas ou adolescentes sendo atores profissionais, e sim a prática, o fato dos adolescentes estarem em contato com a arte, estarem se dedicando em algo novo, estarem decorando um texto, mesmo que não tão bem; estarem praticando a leitura, estarem interagindo uns com os outros e com os funcionários da unidade, e estarem em um lugar de protagonismo com o intuito de mostrarem que eles são muito mais do que o ato infracional que pôs eles ali.

Muitos naquela sala passaram a ver os adolescentes de outra maneira. Sem falar que essa era apenas a primeira experimentação dos alunos com o “palco”. Eles tinham o direito de ficarem nervosos, esquecerem, ficarem inseguros. Com o tempo, eles iriam se acostumando com esse lugar de serem vistos, de serem o centro das atenções. Consequentemente, a performance deles foi se aperfeiçoando aos poucos.

ECA PARA FAZER ECO

Alguns meses depois de estar trabalhando no sistema socioeducativo, senti a necessidade de saber mais sobre o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e então, pesquisei mais sobre o estatuto.

Assim que terminei, pensei em como seria positivo fazer uma peça sobre direitos e deveres da criança e do adolescente. Meu propósito era explicar para os próprios alunos, através da arte, do teatro, que eles tinham direitos, mas também tinham deveres e quando não cumprimos os deveres, perdemos nossos direitos, levando-os a refletir sobre quais deveres deixaram de cumprir e quais os direitos perderam.

Fiz uma esquete curta, duas páginas. Minha ideia era apenas trabalhar o texto em sala de aula, mas teve um evento na unidade e perguntaram se eu poderia preparar os adolescentes para apresentar algo. Eu informei que tinha uma peça pronta que falava sobre o ECA. A coordenação achou interessante a ideia. Ensaiei o texto com os alunos e apresentamos.

A plateia que era composta pelos próprios funcionários, adorou. No meio deles estava o diretor operacional da fundação, ele perguntou se tinha possibilidade de apresentar a peça no tribunal de justiça. Eu fiquei surpreso, pois algo desse tipo nunca havia sido feito antes, dos adolescentes em privação de liberdade saírem da unidade para algo que não fosse doença, audiência e emergência dessa natureza. Pensei logo nos alunos e como eles ficariam felizes, a maioria já tinha mais de um ano no sistema.

A peça foi feita para ser trabalhada em sala de aula, a maioria das alas onde eles ficam, continham 12 adolescentes, então apesar da peça ser curta, a quantidade de personagens era grande, pois não queria excluir ninguém. No entanto, para uma apresentação externa esse número era muito alto, pois para saídas externas, para cada adolescente deveriam ir o dobro de agentes de segurança acompanhando. Isso causaria um desfalque muito grande na unidade. Então a equipe de segurança veio até mim e solicitou que eu retirasse o máximo de adolescentes que eu conseguisse sem atrapalhar a peça. Retiramos 4 adolescentes, eles ficaram chateados, mas entenderam que eu não tive escolha. A apresentação foi na Assembleia Legislativa. Os alunos se saíram bem, a maioria estava muito intimidada com a quantidade de gente olhando, o ambiente e por nunca terem feito teatro. Os dois protagonistas, no entanto, estavam bem à vontade e conduziram a peça de forma brilhante. Eles receberam muitos elogios dos deputados e da direção da unidade.

O RICO E AVARENTO

Depois de alguns meses trabalhando no CENAM, e, portanto, já ter conhecido melhor a maioria dos adolescentes, e também já ter feito algumas esquetes teatrais, achei que estava na hora de uma peça maior e que não fosse temática e nem escrita por mim; que tivesse humor e personagens caricatos, para que o potencial dos adolescentes fosse melhor explorado. Então, resolvi adaptar a peça de Ariano Suassuna “O Rico e Avarento”. Essa peça estava no projeto da oficina de teatro Rita Maia, que dava aulas na fundação antes de mim e que, inclusive, me indicou para o cargo. No processo para montar o elenco fiz uma lista dos mais dedicados e que, na minha opinião, tinham talento para o teatro. Tentei com vários alunos, mas alguns não sentiam interesse, mesmo sendo bons na arte de interpretar, outros quando viam o tamanho do texto, logo desistiam, mesmo eu deixando claro que não teríamos uma data para apresentar, que não precisaria pressa, etc.

Consegui ensaiar com alguns da lista que eu fiz, porém, eles desistiam com o passar do tempo, eles queriam algo curto, que fosse rápido e que a apresentação fosse logo em seguida, eles gostavam do glamour, dos “holofotes”, dos aplausos e que não demandasse muito esforço para isso. Fui me desapegando da lista e ao ministrar as aulas, ia prestando atenção nos que participavam da aula com mais espontaneidade, mais interesse.

A partir daí, fui preparando eles para personagens caricatos, como: velho, cego, mendigo, diabo, uma pessoa bem ignorante, entre outros, pois esses eram alguns dos personagens da peça O Rico e Avarento. Depois que identifiquei quais alunos se saíam bem em cada personagem, reuni o elenco, expliquei sobre a peça e fizemos uma leitura dramática. Eles adoraram, acharam-na muito engraçada e compraram a ideia.

A peça foi um sucesso. Para além das apresentações dentro da unidade, a diretoria da fundação achou viável levar a peça para ocupar ambientes externos. Cito alguns locais em que nos apresentamos: Universidade Maurício de Nassau, Universidade Tiradentes, Museo da Gente Sergipana, Tribunal de Justiça e Assembleia Legislativa. Durante um mês tivemos uma apresentação semanal externa. Isso deixava os adolescentes do elenco eufóricos, pois estavam em privação de liberdade, alguns estavam sem sair daquele espaço há meses e outros há anos. A cada notícia de que iríamos sair para apresentar, era uma extrema felicidade.

Após o período de apresentações, veio o tão esperado mutirão, que era o momento em que todos os adolescentes da unidade tinham audiência e poderiam receber a manutenção, progredir para um semiliberdade ou a extinção da medida. O elenco era composto por 7 alunos. No final do mutirão, o juiz concedeu liberdade a 2 deles e semiliberdade para os outros 5. De uma certa forma, perdi todo o elenco, perdi os alunos que eu mais tinha contato e carinho pela proximidade que adquirimos com meses de aulas e ensaios, porém, fiquei extremamente feliz por eles e ainda mais feliz por saber que as aulas de teatro contribuíram para a liberação deles. As profissionais que acompanhavam cada adolescentes contavam nos seus relatórios que eles saíam da unidade para apresentar teatro, falavam sobre o bom comportamento deles em ambientes externos, entre outros, mostrando para o juiz que os adolescentes estavam de fato progredindo.

Em 2019 foi inaugurado a CASEM (Comunidade de Atendimento Socio Educativo Masculino), uma unidade modelo nacional em socio educação. A unidade é muito mais espaçosa, com melhor estrutura, melhores condições de trabalho e um ambiente mais humanizado para os adolescentes que estão cumprindo medida. A unidade conta com um ginásio, campo de areia, salas de atendimento técnico, setor de saúde, setor de educação com salas de aula, sala de oficinas, dos professores e de coordenação. Os adolescentes ficam alojados em casas, ambiente espaçoso, limpo e arejado podendo comportar até 12 adolescentes. Os dormitórios são para duplas. A unidade foi inaugurada com o intuito de substituir o CENAM, um local insalubre e com aspecto de presídio. Ao longo dos três anos que trabalho na CASEM, já apresentamos muitas peças e esquetes teatrais, a maioria sendo temática, dentre as mais importantes estão: Eca para Fazer Eco, O Canto das Três Raças, Sonhos, Eles Por Elas. Cada uma dessas encenações teve um papel de extrema importância, tanto pelos temas abordados, como por quebrar paradigmas. Explicarei a importância de cada uma.

ECA PARA FAZER ECO

Poucos meses após a inauguração da CASEM, surgiram algumas oportunidades para apresentar a peça do ECA. Então, resolvi sentar e reescrever a peça para que ela ficasse maior. Pensei em dar mais protagonismo aos personagens que apareciam pouco e só tinham uma ou duas frases para falar. A peça foi de uma página e meia para cinco. Esse formato me deixou muito mais satisfeito e realizado, tanto com a evolução dos personagens, como com o fato da mensagem principal ser passada de uma forma mais detalhada. A peça agora tinha o tamanho ideal e poderia ser encaixada em qualquer evento com a mesma temática. Apresentamos a peça nesse novo formato na UFS, na Assembleia Legislativa e na própria CASEM.

O CANTO DAS TRÊS RAÇAS

Em novembro, o mês da consciência negra, a professora de dança, o professor de capoeira e eu, fizemos uma parceria multidisciplinar, nos juntamos e escolhemos a música “O Canto das Três Raças” para ser a base do nosso trabalho. Essa peça foi especial pelo fato não só da multidisciplinaridade, como por conseguirmos juntar pela primeira vez em um trabalho, os meninos do CASEM com as meninas da UNIFEM, quebrando assim um tabu, pois havia um certo receio de juntar adolescentes os quais tinham meses e até anos sem ter aproximação com adolescentes do sexo oposto.

Eu já ministrava aulas nas duas unidades, porém o professor de capoeira só ministrava na CASEM, enquanto a professora de dança só ministrava na UNIFEM. Após reuniões de planejamentos, montamos uma agenda de ensaios e a professora de dança conseguiu ir até a unidade masculina para passar a coreografia aos meninos. Deu muito trabalho, eles não tinham conhecimento sobre dança afro, mas obtivemos êxito. Na data marcada, as adolescentes foram para a unidade masculina e fizemos duas apresentações para todos os 84 adolescentes que cumprem medida na CASEM. Além dos principais dirigentes da fundação e das duas unidades envolvidas, houve planos de levar o trabalho para ser apresentado em outros ambientes, inclusive externos, mas infelizmente não aconteceram.

SONHOS

A CASEM em novembro de 2019 fazia um ano de funcionamento, (pois sua inauguração oficial foi em janeiro de 2019, mas a unidade já funcionava desde novembro de 2018). Na ocasião, me pediram para apresentar algo no evento de comemoração do aniversário, fiz uma reflexão sobre esse um ano que passei com a maioria daqueles adolescentes, imaginei que a qualquer momento eles poderiam ser liberados, para onde iria? O que fariam da vida? Voltariam para o mundo do “crime”? quais os planos deles para o futuro? Onde será que eles se viam daqui a 5, 10 anos? Pensam em ter alguma profissão? Anotei esses questionamentos e foi daí que surgiu a inspiração para a esquete teatral.

Inicialmente escolhi seis dos adolescentes que estavam na unidade desde a inauguração e que estavam entre os mais bem comportados, entrevistei-os sobre quais os

planos deles para o futuro e todas as outras perguntas que anteriores e usei as respostas para criar um texto. Na peça, eles apareciam na CASEM, anos depois e contavam o que fizeram depois de ter saído do sistema socioeducativo, seus feitos e conquistas no âmbito pessoal, profissional e familiar, assim, na peça eles de fato tinham realizado os sonhos e voltaram para prestar um relato. Alguns falaram sobre trabalho, outros sobre universidade, outros sobre curso técnico, outros sobre família e realizações como casa própria, carro, filhos etc. No texto também, os alunos reconheciam e agradeciam aos funcionários que ao longo de sua passagem pela unidade, os ajudaram de alguma forma, os nomes dos funcionários são citados como uma forma de homenageá-los, por olharem para os adolescentes com um olhar humano, tratá-los com dignidade, ajudando assim a tornar o dia a dia deles, mais leves.

Sei que os funcionários citados não fizeram mais que a obrigação, adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação, continuam com seus direitos, o único direito que se perde é a liberdade, porém, minha estratégia ao homenageá-los era de fazer esse reconhecimento de forma pública, para que eles se sentissem motivados, além de todos de modo geral, percebessem que os adolescentes sabem ser gratos com os que os ajudam. Além de uma excelente oportunidade para todos da unidade verem os adolescentes de uma outra maneira, saberem que alguns deles têm sim, planos para o futuro, têm o desejo de sair da vida do “crime”. Principalmente aos que se colocam no lugar de juízes, que julgam e condenam os adolescentes a cada dia que eles permanecem dentro do sistema. Muitos se emocionaram, foi uma das peças que mais tive orgulho de ter idealizado e realizado.

ELES POR ELAS

Em 2021, no mês de agosto, que é o mês de combate a violência doméstica, uma das psicólogas disse que no dia de visita, a equipe técnica promoveria uma palestra e debate com os familiares dos adolescentes, cuja maioria é composta por mulheres. Ela perguntou se eu tinha uma peça com essa temática. Eu disse que não, mas que achava importante trabalhar esse tema com os alunos e que a partir daí poderiam avaliar algo no sentido de apresentação.

Pesquisei texto e vídeos sobre o tema. Eu queria fazer algo que de fato ajudasse aos alunos a compreenderem o que é violência contra a mulher, para que eles não a reproduzissem. Também queria aproveitar a oportunidade e ajudar as mulheres da plateia a identificar qualquer sinal de violência e buscar ajuda. Nas pesquisas li muitos relatos tristes e reais de agressões físicas e verbais, assédios, tanto dentro de casa como no trabalho. Resolvi então criar relatos fictícios baseados em alguns dos relatos que li e dar para os próprios alunos interpretarem, colocando-os no lugar de uma mulher agredida ao invés do óbvio, que seria coloca-los como agressores. O único receio era que eu não encontrasse nenhum aluno que topasse, pois o ambiente prisional é muito machista, seria a quebra de um tabu conseguir fazer com que os meninos fizessem papel de mulher.

Dias depois, já com o texto escrito e impresso, fiz uma lista dos alunos que mais tinha chance de entender a proposta e embarcar na ideia. Para compor o trabalho só era preciso seis alunos, mas como eu sabia que muitos rejeitariam, passei uma lista com o

dobro. Chamei doze adolescentes para a aula, sentamos em círculo e eu expliquei a proposta, distribuí o texto e fizemos uma leitura. Toda vez que alguém lia algo do tipo “meu marido” “minha saia” “meu nome é Paula” era uma algazarra. Os demais riam e faziam piadas até que eu intervia. No final perguntei quem gostaria de fazer parte desse trabalho e assim como eu esperava, a maioria desistiu. Sete recusaram, então eu pedi à equipe de segurança que os levassem de volta. Só ficaram na sala os cinco que aceitaram participar. Eu poderia sair nos alojamentos perguntando a um por um tentando conseguir mais um para completar o elenco, e provavelmente eu conseguiria, mas resolvi adaptar o texto para os cinco que estavam disponíveis.

Os adolescentes se dedicaram nos ensaios. No dia da apresentação, tanto algumas das profissionais que acompanham os adolescentes, quanto algumas das mães deles se emocionaram. No final da apresentação, abri um momento para debate, houve mães que falaram, choraram, outras contaram experiências de violência doméstica. As profissionais técnicas (psicólogas, assistentes sociais, pedagogas) enriqueceram o momento com uma palestra -além de falas de acolhimento.

CAPÍTULO III - DIÁLOGO COM A BIBLIOGRAFIA SOBRE O QUE DEU CERTO E DEPOIMENTOS DOS ALUNOS

Nesse capítulo, retorno as referências bibliográficas, só que com um novo olhar. Volto a ler os textos buscando as experiências positivas, processos que deram certo e quais foram os frutos. Todo o ganho que a prática do teatro no sistema prisional e socioeducativo proporcionou tanto para os alunos, quanto para os professores e também para as instituições. No entanto, acredito ser o ponto forte desse capítulo, os depoimentos dos alunos, os relatos deles com suas próprias palavras, sobre as aulas de teatro.

Dessa forma, do final de 1997 para cá temos apresentado diversos trabalhos, os quais contaram com a presença de familiares e/ou amigos dos detentos, dos diretores das instituições e, ao longo do tempo, com a presença de diversas autoridades (NARVAES e FICHE, 2015. p. 137)

As apresentações externas, ou seja, fora da unidade socioeducativa, traz muita visibilidade aos adolescentes e principalmente para a Fundação. Tantos os próprios funcionários da unidade, como o público onde as esquetes são apresentadas, passam a olhar os adolescentes em cumprimento de medida, diferente. Veem-nos interpretando, levando a sério, se dedicando e fazendo graça, arrancando sorrisos. De modo geral, passam a perceber que são apenas adolescentes e que têm talento, sabem fazer outras coisas e, principalmente, que eles são mais do que o ato infracional que cometeram. Se tornou comum, após cada apresentação, os socioeducadores retornarem comentando entre eles coisas do tipo “você viu o adolescente fulano? Ele me surpreendeu” e “Você viu aquele menino fulano? Ele é muito bom!”.

As apresentações têm gerado resultados de grande proporção para os adolescentes que participam do teatro. A nova juíza responsável em julgar os adolescentes em cumprimento de medida é apreciadora do teatro, já assistiu algumas apresentações e até já nos visitou em um ensaio. Nas audiências, ela lembra dos adolescentes que fazem

teatro, alguns dos alunos me falaram de forma extremamente empolgada, que quando chegaram na audiência, a juíza olhou e disse “você é do grupo de teatro, né? Eu lembro de você”. Além disso, recentemente, vários adolescentes do grupo de teatro têm obtido boas avaliações nas audiências, como um progresso para uma semiliberdade e extinção total da medida. Acredito que as profissionais que acompanham cada adolescente, acrescentam nos seus relatórios sobre como os adolescentes vêm se desenvolvendo, participando das atividades, se empenhando etc. Esses relatórios são enviados para a juíza.

O olhar positivo do público nos locais por onde apresentamos teatro recai, principalmente, sobre a Fundação Renascer, pois ao término das apresentações, sempre é ressaltado “o trabalho maravilhoso que a Fundação está fazendo com esses jovens”. Dias após uma apresentação na Universidade de Direito, um vereador citou em seu discurso na câmara de vereadores de Aracaju, que nunca entrou na unidade CASEM, mas que pela apresentação teatral que assistiu, ele sabe que a Fundação está cuidando bem dos adolescentes. Desde que o momento pandêmico tem passado, aos poucos, temos recebido cada vez mais convites de órgãos federais, estaduais e municipais para apresentarmos teatro nesses espaços, a cada convite uma nova temática. Toda essa atenção voltada para o teatro que é feito no sistema socioeducativo em Sergipe, automaticamente contribui para que a Fundação Renascer seja cada vez mais admirada.

Quanto a mim, o professor. Minha principal motivação para continuar trabalhando com o teatro na “prisão” é o quanto isso me faz crescer. Muitos iniciam o curso de licenciatura em teatro na UFS (Universidade Federal de Sergipe) com uma certa “bagagem” no fazer teatral, muitos já são atores, atrizes, diretores, sonoplastas, iluminadores e autores. Já eu, quando entrei na UFS, não tinha nenhuma experiência profissional na área do teatro, apenas gostava e queria seguir essa área. Eu nem tinha certeza se queria de fato lecionar. Passei a gostar da licenciatura no decorrer do curso. Ao entrar no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), fui praticando e me apaixonei por ensinar teatro.

Em 2015 fui chamado por Rita de Cássia Maia Santos, uma amiga, para compor um grupo de teatro, o Quilombo Ubuntu Teatro Negro, como o nome já sugere, as abordagens e trabalhos do grupo seria nesse sentido, trabalhar as questões negras, trabalhar autores negros, temáticas negras, combater o racismo usando a nossa arte, colocar o ator e atrizes negras em cena, com papéis de protagonistas. Na época, eu não pensava em seguir em apenas uma temática, eu achava que ia me limitar, mas aceitei o convite com o intuito de aprender, saber como é participar de um grupo de teatro, estar ao redor de pessoas experientes. Com o tempo fui tomando gosto por essa temática e vendo a cada dia, a importância de ter um grupo de teatro trabalhando essas questões.

Foi Rita que em 2018 me indicou para trabalhar na Fundação Renascer, local que ela trabalhava como oficina de teatro e que estava deixando, a fim de assumir o concurso no qual havia passado. Eu nem sabia que existia oficinas artísticas no sistema socioeducativo, mas prontamente aceitei. Assim como foi com o grupo de teatro, fui tomando gosto em trabalhar com adolescentes em privação de liberdade. A partir daí, fui me dando conta de como é importante ter uma vivência como essa, de um teatro mais social durante a formação acadêmica.

Os pensamentos que tenho sobre minha experiência com teatro no sistema socioeducativo são bem semelhantes aos dos alunos do curso de teatro na Unirio, que davam aula para os detentos. Cada um dos depoimentos a seguir, remete a uma fase vivida por mim, na Fundação.

[...] segundo Paul, não estávamos indo para o presídio para transformar ninguém, estávamos indo lá para fazer teatro. O exercício teatral por si só transforma, e que se tem o teatro dentro de uma penitenciária, você já está abrindo um outro espaço dentro daquele universo, você está criando novas possibilidades, possibilidades de tempo diferente, de espaço diferente para eles.

Já a aluna Jacirene, no seu segundo ano de teatro na prisão, tendo experimentado os métodos de Brecht na sua experiência artística, entra no universo profissional com a afirmação de que o teatro transforma aquele que faz teatro:

Eu ia para ali com a intenção de transformar sim. E eu acho que essa minha vivência com o teatro de Brecht e essa minha visão de um teatro político, que quer discutir a realidade que ele vive, para mim é fundamental. (NARVAES e FICHE, 2015. p. 147 - 148)

No meu início na Fundação, eu era assim como Paul, só pensava em ministrar as aulas e o teatro por si só que transformasse, ou não. Depois passei a pensar como Jacirene, sempre que iniciava um trabalho, um projeto, tinha como principal objetivo ajudar, auxiliar, somar, transformar, utilizar as minhas aulas para fazer de fato a socioeducação, seja no acolhimento, nos textos levados para as aulas, nas músicas, nas minhas esquetes, enfim, na minha forma de ver e fazer teatro. Essa minha visão ainda continua a mesma, porém, essa transformação que eu buscava nos alunos, também aconteceu em mim. Me sinto representado em cada depoimento a seguir.

Wagner... Acredita que o teatro na prisão tornou-o um ser humano mais capaz, mais perceptível e mais humano, e que questões como os pensamentos preconcebidos se tornaram distantes da sua vida. Ele passou a entender melhor esses diferentes gêneros que o levaram inicialmente à prisão e também a enxergar com mais profundidade os homens que, por algum motivo, deixaram de ser livres: “Essa experiência me colocou em contato com os meus preconceitos, com as minhas dificuldades internas. E quando eu entrei em contato com minhas dificuldades internas, entrei em uma relação mais profunda comigo”. (NARVAES e FICHE, 2015. p. 149)

Dentro do teatro na prisão, Janaína vivenciou diferentes metodologias. Ela diz:

Essa questão de trabalhar com o indivíduo e não com a massa. Não é massa penitenciárias ou escolar. Estamos trabalhando com cada aluno. O que me transformou foi o lado humano da coisa... vi como faltava sentimento na militância política. (NARVAES e FICHE, 2015. p. 150)

Flávia diz:

Aprendi que não dá pra querer muito, não dá pra mudar o mundo com esse trabalho, um pouco de compreensão que se conquista, um sorriso que se vê surgir, um olhar que se mostra mais doce já são conquistas que se deve agradecer. Entrei na prisão feminina Joaquim Ferreira de Souza para ensinar, e posso dizer com total segurança que o pouco que ensinei veio do tanto que aprendi. (NARVAES e FICHE, 2015. p. 151)

Patrícia diz:

Poucos têm noção de como é a vida em uma prisão. Quanto mais entendemos, mais percebemos o quanto nosso trabalho é importante, senão fundamental. A evolução é muito lenta e difícil, mas muito bonita e forte. Quebrei todos os meus preconceitos muito rapidamente, e me foquei no conhecimento, no ensinamento e no amadurecimento. (NARVAES e FICHE, 2015. p. 151)

Fernando relata:

Essa experiência no teatro na prisão jogou muito na minha cara como o meu trabalho se relaciona com a consciência social. Não tem sentido fazer nenhum trabalho que eu não pense que tem sua aplicação social, ambiental, que não seja ligado na instância do ser humano como um todo, uma sociedade dentro de um planeta. Então eu tenho essa consciência de que tudo que faço é um serviço. Por que não é só a gente se queixar e dizer que está tudo errado... mas pensar no que se pode fazer. (NARVAES e FICHE, 2015. p. 152)

Ao ler todos esses relatos, fui percebendo como o fazer teatral une as pessoas. Eu não conheço essas pessoas, até pouco tempo nem sabia da sua existência, mas senti uma ligação imensurável entre meus sentimentos e os deles, era como se eles tivessem falando por mim, de mim. Pois assim como esses professores alunos, trabalhar com o teatro na “prisão” também me fez um ser humano melhor, um professor mais capaz, também quebrei muitos preconceitos, entrei em contato com minhas dificuldades internas. O que mais me motiva a trabalhar, também é o lado humano da coisa e, principalmente, não me vejo mais fazendo algum trabalho sem pensar na sua aplicação social.

A vez de ouvi-los

Muito se foi falado por mim e pelos outros professores nas citações, pelos profissionais que acompanham os internos no sistema socioeducativo e prisional. Neste último capítulo, achei de suma importância dar vez e voz para que os próprios alunos dissessem o que acharam das aulas de teatro, se consideraram importantes, se de alguma forma elas contribuíram no seu processo de crescimento pessoal etc. A professora Márcia cita um relato de um dos seus alunos.

O adolescente M., em tom de depoimento, diz que na peça é possível representar, sem represálias, a própria vida; no palco tudo é possível, é a arma que tem para repensar os pensamentos e acredita que em grande parte, podem mudar o rumo das suas vidas (BALTAZAR, 2015, p. 206).

O que chama a atenção é como o aluno, que muito provavelmente não tinha contato com o teatro antes dessas aulas, se sente empoderado para falar sobre palco, atuação e que o teatro é uma arma, uma ferramenta em nossas mãos, e que podemos utilizá-lo para o bem, para fazer pensar e repensar nossas vidas, nossas escolhas. Um detento, aluno do projeto da Unirio também fala sobre como o teatro é uma ferramenta de autoconhecimento “Não podemos classificar apenas como uma magnífica terapia para o corpo e alma, mas como uma ferramenta fundamental para o autoconhecimento” (NARVAES e FICHE, 2015. p. 156)

Já um aluno do professor Micael, conta o que ele entendia sobre a palavra teatro, e os benefícios pessoais que adquiriu com essa oficina.

[...] sobre o teatro muitos entendem esta palavra como encenar interpretar expressar, fazer alguém rir ou chorar. Eu também achava isso! Só tinha esta informação e para mim teatro se resumia em um palco, decoração de textos muitas expressões além de lógico muita coragem. Desde o mês de junho meus pensamentos se modificaram. Acredito que para melhor além de conhecer realmente o significado da palavra teatro, descobri sua importância e influência. Quando comecei descobrir os benefícios que esta arte propicia entendi que tudo aquilo que pensava eram idéias vazias onde se enforcavam apenas nos espetáculos. Hoje reconheço que o pouco que aprendi tornou-se indispensável para mim como ser humano. Porquê assim: Minha transformação interior é reconhecida, em meus pensamentos, ocorre como um resgate no meu complexo mundo cerebral. Em que sentido isso acontece, consigo me expressar melhor entender, interpretar lidar melhor com a insegurança com as diferenças e indiferenças. Meus pontos de vista sobre determinados assuntos e pessoas tornaram-se mais próprios, consigo me convencer sobre minhas opiniões; não me questiono e se acontece analiso melhor e repenso sobre elas. Foi um novo campo de visão e pensamentos que surgiu em mim, tenho certeza que a partir do momento que estes conhecimentos afloraram tornei-me mais humanos em vários sentidos (...) (Diário do Monitor R., 2008, s.p. CÔRTEZ, 2014, p. 370, 371).

Em junho de 2019 quando recebi um aviso prévio que seria demitido, nas minhas duas últimas aulas aquele ano, eu expliquei aos alunos que estava deixando a fundação e que planejava escrever um trabalho na universidade sobre o tempo em que trabalhei naquele lugar, e que precisava da ajuda deles. Pedi a alguns alunos e alunas para escreverem sobre as aulas, o que achavam, o que aprenderam, se as aulas de teatro os ajudaram de alguma forma no seu desenvolvimento dentro do sistema socioeducativo, etc. Disponibilizei papel e lápis e deixei-os livres durante todo o tempo. Ao final, recebi relatos muito interessantes, os quais sinto a necessidade de compartilhar.

Bom! Sobre as aulas que tive com o professor, foram o máximo por que eu me divertia muito, esquecia até do lugar que eu estava e ia para outro mundo. Bom! O teatro me ajudou a refletir, pensar, ajudou a melhorar meu comportamento na socioeducação, minhas palavras, porque teatro não é só uma peça ou uma apresentação, é mais que isso, é ver o mundo e as pessoas de forma diferente, uma coisa que sai de dentro pra fora, nem sei explicar, só acontece. Quando eu sair da Unifem, pretendo procurar um grupo de teatro, me identifico muito com o teatro. (Aluna I., junho de 2019)

As aulas de teatro me deixam muito bem, as vezes estou com muitas coisas na cabeça e as aulas me ajudam bastante. (Aluna D., junho de 2019).

Os adolescentes em privação de liberdade, como o próprio nome já sugere, ficam quase que todo o tempo enclausurados, o que ocasiona em muito tempo livre, ocioso, eles relatam que por conta disso, pensam em muitas coisas ruins, ficam estressados, inquietos, ansiosos, com insônia, variação de humor, dentre outros. Quando a aluna I conta que nas aulas de teatro ela se divertia e que esquecia do lugar em que estava, não é um relato de

pouca relevância, isso é uma coisa grandiosa, é de fato uma libertação das angústias diárias.

Minha experiência quando comecei a participar do teatro foi muito diferente, eu me sentia em liberdade por um instante, mas depois voltava a realidade das grades e a saudade da família. O teatro foi muito bom para minha vida, me inspirou a mudar de vida, comecei a pensar positivo no meu futuro, quem sabe eu possa ser professor também? (Aluno E., junho de 2019).

Ao conhecer os alunos, conversar com eles e perguntar sobre seus planos para o futuro, percebo que muitos não têm a menor perspectiva, não pensam para onde vão, onde querem chegar. Por conta disso, fico extremamente feliz quando algum deles fala sobre futuro, ainda mais quando relatam que as aulas de teatro os inspira nisso.

Conheci o teatro no CENAM, na primeira aula fiquei muito envergonhado, pois não sabia a brincadeira, as brincadeiras eram engraçadas e me estimulavam a ir para as aulas [...]. As que eu mais gostava eram “Chique chique prese prese”, “Jana cabana” e pular corda. O teatro nos deu outra vida, fez a gente pensar mais. Os jogos me davam energia e me deixavam mais alegre, distraiam minha mente que só pensava em coisa errada. Também gostava das conversas no início das aulas, o professor fazia um círculo e todos falavam. Nos ensaios quando tinha que decorar as falas eu pegava rápido, gostava de ter que mudar a voz, o andar. Nas apresentações eu ficava nervoso, só pensava no que tinha que fazer. Quando acabava eu ficava muito feliz com o povo aplaudindo. A peça O Rico e Avarento nos deu uma nova chance, saímos várias vezes para apresentar e fazíamos um bom trabalho. Essas saídas externas para as apresentações me ajudaram a conseguir a semiliberdade porque nos comportávamos lá fora. (Aluno J.C., junho de 2019).

Me senti orgulhoso e feliz com todos me olhando, me aplaudindo (Aluno F., junho de 2019).

O aluno J. C., reconhece por si só, que as apresentações externas ajudaram para que ele conseguisse a tão esperada semiliberdade. Eu tinha percebido isso, como falei no capítulo anterior, porém, ver o aluno reconhecendo isso, é muito prazeroso. Também me chama a atenção, quando os dois alunos falam que ficavam felizes em receber os aplausos da plateia. Esses adolescentes nunca foram aplaudidos, dificilmente foram parabenizados por algo bom que faziam, geralmente são vistos como marginais, os quais só se deve esperar o pior. Saber que as apresentações proporcionaram esse lugar de destaque positivo e um novo olhar para esses adolescentes é gratificante.

No começo eu era muito vergonhoso, mas depois fui me acostumando. No dia da apresentação de “O Rico e Avarento” para as mães, eu estava emocionado, antes de entrar em cena fiquei nervoso, o coração acelerou, quando entrei em cena fiquei mais nervoso ainda, depois que a peça acabou fiquei feliz por que saiu muito ótima, me senti um ator. Eu ia para as aulas porque gostava. (Aluno A., junho de 2019).

No final do seu depoimento, o aluno A., diz que ia para as aulas por que gostava, novamente parece ser uma coisa simples, sem muita importância, mas para mim, é um dos comentários que mais me motivam. No CENAM, muitos estavam nas aulas por obrigação, outros para fugir de uma sanção, outros apenas para que conste nos relatórios que eles participam de todas as atividades, outros ainda para poderem se apresentar no

mundão, sair um pouco da unidade. Quando se tira todos esses é que percebemos, poucos estavam ali por que gostavam das aulas.

Eu não gostava de teatro, achava chato, com o tempo fui gostando e me dedicando e já participei de 4 peças. A primeira foi sobre a consciência negra, falava sobre o preconceito, a segunda foi no dia das mães, foi emocionante. A terceira foi um casamento caipira na festa junina e a quarta foi O Rico e Avarento, fiz o papel de uma velha, me transformaram em uma velha todinha, rosto, voz, andar, roupas, tudo! Foi muito engraçado. (Aluna A. L., junho de 2019)

Eu já participei de três peças. Na do dia das mães fizemos uma coisa bem legal, além da peça fizemos uma música e cantamos para elas, a minha mãe estava lá, chorou. Em outra peça fui uma mendiga, achei muito interessante. A terceira foi no São João, eu dancei, pulei, rodei, cantei, gostei muito de todas as peças. O professor é muito dedicado, se dedica em todas as aulas. As aulas são toda semana, queria que fossem todo dia. (Aluna A.N., junho de 2019).

É interessante como a aluna A. L., no início não gostava das aulas de teatro e com o passar do tempo, cita com um certo carinho cada peça que participou e ainda conta com riqueza de detalhes as características de uma das suas personagens. Já a aluna A. N., conta com entusiasmo o fato de sua mãe poder assistir sua apresentação. No final, expressa seu desejo de que as aulas de teatro fossem diárias.

Eu não queria nada com a vida, mas um dia subi para uma atividade e conheci o professor de teatro, adorei o trabalho dele, foi isso que me inspirou a criar uma atitude de mudar. Eu tinha raiva de mim mesmo, tinha rancor de lembrar o que eu fiz, as aulas, os jogos, os ensaios, as peças e os conselhos foram me ajudando a mudar, a gostar mais de mim, a me perdoar. Quando fui para a audiência com o juiz, eu recebi a semiliberdade, mas mesmo que eu não tivesse conseguido, eu estaria bem, pois já tinha tirado o peso do meu coração. Me sentia uma pessoa presa por fora, mas livre por dentro (Aluno J., junho de 2019).

Durante meu tempo trabalhando com adolescentes cumprindo medida, percebi que muitos estão em paz com os atos que os fizeram perder sua liberdade, alguns se arrependem, mas não sentem pesar com ação que cometeram. Esse não era o caso do aluno J., segundo ele, o pesar sobre seu ato era tão grande, que ele tinha raiva de si mesmo, ao ponto de nem desejar receber uma progressão de medida. |O teatro lhe deu, autoestima e desejo de mudar.

O teatro foi uma das coisas mais legais e interessantes que já fiz na minha vida, descobri coisas que sou capaz de fazer que nem eu mesma imaginava. Me sinto tão bem em participar do teatro. Quando eu sair, vou procurar o professor Márcio para continuar o teatro. Minha mãe quando me viu fazendo a peça ficou muito orgulhosa de mim, foi a melhor coisa que já fiz, fiquei feliz em ver minha mãe feliz. (Aluna R., junho de 2019).

Eu achava que a aula de teatro ia ser chata. No primeiro dia eu entrei, olhei e voltei para o alojamento, na aula seguinte fiquei olhando as outras fazendo e fui gostando. Quando fizemos uma peça no dia das mães, fiquei com vergonha, nervosa, mas quando entrei, já não era eu, era a personagem, daí eu consegui fazer. Quando terminou, me senti aliviada por ter vencido a vergonha, a partir daí, passei a me dedicar mais nas aulas... Gosto das aulas. Aprendi a ter mais atenção e melhorar meu comportamento... Quando eu sair, vou dar continuidade as aulas de teatro.” (Aluna K., junho de 2019).

Entre outras coisas, as alunas falam sobre dar continuidade as aulas de teatro após cumprir a medida. Acho isso importante por que eu nunca as incentivei em procurarem grupos de teatro ou locais que disponibilizam oficinas, isso partiu delas. Ou seja, essas alunas estavam em um grau de comprometimento tão alto, que sentiram a necessidade de continuar aprendendo, praticando.

O teatro em minha vida aconteceu de repente, foi quando eu imaginava que não poderia acontecer mais nada de bom, fui aprendendo vários jogos importantes no meu estímulo a ser um ator amador. Eu nunca imaginei que nesta situação em que me encontro, sendo um interno, pessoas que nunca vi na minha vida, iria me elogiar. Já me apresentei 9 vezes, no Tribunal de Justiça, UNINASSAU, Museu da Gente Sergipana, UNIT, Assembleia Legislativa, e 4 vezes no CENAM. Sou muito grato por tudo isso que aconteceu em minha vida e a oportunidade que me deram no grupo de teatro, me fez perceber que além dos meus defeitos, também tenho qualidades, descobri que tenho dom para cantar rap. Quando eu me apresentava, ficava bastante nervoso, mas lembrava dos jogos que fazíamos nas aulas e isso me ajudava. Engraçado que sempre que acabavam as apresentações, eu achava que eu poderia ter feito melhor. Mesmo todo mundo aplaudindo e dizendo que fui bem, sempre ouvia os conselhos do professor, ele dizia que sempre podemos melhorar. Me apaixonei pelo teatro e pretendo continuar com ele em minha vida! Muito obrigado por tudo! Te amo teatro. (Aluno M., junho de 2019).

Termino o capítulo com esse depoimento do aluno M. ele demonstra um amadurecimento como ator amador (como ele mesmo se intitula). Esse aluno fala sobre técnicas aprendidas nas aulas e que ele utilizava na cena para conter o nervosismo. Ele também fala sobre depois de cada apresentação, se cobrar mais, achar que poderia ser melhor, mesmo a plateia aplaudindo e dizendo que ele foi bem. Isso me surpreendeu, pois nem todos atores profissionais têm essa disciplina, esse comprometimento em estar sempre melhor a cada apresentação.

O aluno M., fez questão de enumerar cada apresentação e até os locais onde foram, os quais nem eu lembrava de imediato. Isso mostra o quanto ele realmente levou a sério seu papel dentro do grupo de teatro. No entanto, os comentários que mais me emocionaram foram, primeiro, quando ele descobre que também tem talentos e não só defeitos, ele vê pessoas o elogiando, pessoas essas que nunca o viram na vida, nesse momento sinto que ele tem suas esperanças renovadas, esperanças em si mesmo, em mudar, melhorar. O outro ponto é quando o aluno diz que se apaixonou pelo teatro, depois agradece por tudo e termina dizendo “te amo teatro” ele vai direto ao ponto, dialoga diretamente com o teatro, não é comigo, ele não me agradece, o afeto demonstrado não é por mim ou para mim, o professor, é diretamente com o que o fez mudar, como o que de fato lhe proporcionou os momentos inesquecíveis, lhe deu um lugar de fala. Ele agradece, dialoga e declara seu amor para o teatro, como se o teatro pudesse ouvi-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esse trabalho com o principal objetivo de defender e tentar comprovar que a oficina de teatro na medida socioeducativa de internação deve sair do âmbito de um entendimento de arte pela arte, uma coisa “legalzinha” e “bonitinha” feita pelos adolescentes, para ser entendida como um verdadeiro processo transformador na medida socioeducativa de internação, que é seu lugar de direito. Acredito ter alcançado esse objetivo através das referências trazidas, das minhas observações e registros, dos depoimentos dos profissionais que acompanham os adolescentes e perceberam neles, mudanças comportamentais obtidas com as aulas de teatro, além dos relatos dos próprios alunos sobre como mudaram sua forma de pensar e agir.

Os objetivos específicos também foram cumpridos, pois me instrui através de bibliografias sobre o fazer teatral dentro de sistemas prisionais e socioeducativos e comparei-as com as minhas. Documentei minhas práticas e os resultados alcançados. Também expus os percalços que acompanham o trabalho.

Após ler e reler esse trabalho e refletir sobre toda essa experiência em ministrar aulas para adolescentes em privação de liberdade, passei a imaginar como seria proveitoso se o curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS), tivesse uma parceria com a Fundação Renascer, algo que direcionasse os estudantes do curso para fazer um dos estágios obrigatórios no sistema socioeducativo. Narvaes e Fiche contam que no Rio de Janeiro, algo parecido já existe.

A carga horária destinada ao projeto conta também com um segundo encontro prefixado entre a equipe. Este encontro foi configurado como uma disciplina curricular optativa, Técnica Paralela, cujo eixo temático problematiza a ação cultural em instituições como prisões, hospitais e etc. Esta disciplina recebeu o subtítulo de Teatro e Enclausuramento (NARVAES e FICHE, 2015, p.142)

Achei de grande relevância essa ideia, penso que uma disciplina como essa poderia ser implantada também no curso de Licenciatura em Teatro da UFS. Narvaes e Fiche explicam a importância de o teatro ocupar esses espaços.

No caso do Teatro na Prisão, há um território marginal que está duplamente implicado, pois o detento representa o marginal no sentido estrito: assassinos, sequestradores, ladrões, estupradores, traficantes, corruptos. Qual seria o

objetivo de ensinar teatro para esses sujeitos? Essa questão se apresenta de muitas formas e em momentos diferentes encontramos distintas respostas. Talvez a mais relevante se refira à potência da experiência estética. A linguagem teatral, por meio da experiência estética, permite a resignificação de si e do mundo. Colocado no centro da prática teatral o sujeito que está na periferia de processos sócio-históricos complexos, redimensiona-se o ser e o estar no mundo, permitindo uma vivência de protagonismos no âmbito de um grupo. A experiência vivida pelos grupos num espaço novo dentro de um lugar conhecido também contribui para se resgatar de si mesmo. (NARVAS e FICHE, 2015, p.145).

Termino esse trabalho de conclusão de curso com a esperança de que ele contribua com a arte, no que se diz respeito a maneira de se fazer teatro no sistema socioeducativo. Com o desejo de que ele inspire mais estudantes das artes a ocupar esse espaço e que ele sirva como fonte de pesquisa para outros que virão a falar sobre esse tema.

REFERÊNCIAS

- BALTAZAR, Márcia C. Resto e Desistência X Resistência e Amor. In: BALTAZAR, Márcia C. (org.). **Teatro na margem**. São Paulo: HUCITEC, 2015.
- BRASIL (Presidência da República). Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 02 de março de 2020.
- CÔRTEZ, Micael. Portas EntreAbertas: um relato etnográfico a partir de um fazer teatro com pessoas privadas de liberdade - para além do espetáculo... **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v.4, n. 2 maio/ago. 2014.
- MARQUES, L. J.; CONCILIO, V.; SILVEIRA, T. F.; MACHADO, F. O Teatro entre as grades do patriarcado: privação de liberdade e de experiências em uma prática no regime socioeducativo:. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 39, p. 1-22, 2020.
- NARVAES, Viviane B. e FICHE, Natália R. Teatro na prisão: Limites, Desafios e Possibilidades. In: BALTAZAR, Márcia C. (org.). **Teatro na margem**. São Paulo: HUCITEC, 2015.
- SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo. Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Brasília – DF: CONANDA, 2006. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br>. Acesso em 10 de novembro de 2022.
- SPOLIN, Viola. A Experiência Criativa. In: **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.